

## A representação do discurso outro: um setor da atividade metalinguageira, de Jacqueline Authier-Revuz

The representation of another discourse: a sector of meta-language activity,  
by Jacqueline Authier-Revuz

**Karina dos Reis Costantin**

Universidade Federal de Santa Maria

Authier-Revuz, J. A representação do discurso outro: um setor da atividade metalinguageira. In: Cavalcante, M.M.; Brito, M. A. P. (Orgs.). Texto, discurso e argumentação. Campinas, SP: Pontes Editores. 2020, p. 133-174.

O livro “Texto, discurso e argumentação Traduções”, organizado por Mônica Magalhães Cavalcante e Mariza Angélica Paiva Brito, reúne seis artigos em periódicos e cinco capítulos de livros de diferentes autores, os quais foram traduzidos para a língua portuguesa. Os textos versam sobre a temática da argumentação, da referenciação e da perspectiva ecológica das interações. Dentre eles, está o capítulo intitulado “A representação do discurso outro: um setor da atividade metalinguageira” de autoria de Jacqueline Authier-Revuz, traduzido por Carlos Eduardo Silva Pinheiro, Alena Ciulla, Jéssica Oliveira Fernandes, Isabel Muniz Lima e Suzana Leite Cortez e, originalmente, publicado no livro mais atual da autora (AUTHIER-REVUZ, 2020).

Authier-Revuz é uma pesquisadora da Universidade Sorbonne Nouvelle em Paris e tem concentrado seus estudos na heterogeneidade e na dimensão metalinguageira da enunciação, especificamente, na autorrepresentação, na representação do discurso outro (sobre questões de linguagem, discurso, escrita e subjetividade), na linguagem e na psicanálise.

No capítulo resenhado, a autora recupera a tese sobre a reflexividade própria da linguagem humana dita “natural”, para reavaliar o modo como ela própria, em trabalhos anteriores, considerou as diversas formas de marcar no texto os dizeres outros (CAVALCANTE; BRITO, 2020). Para isso, resgata funções metadiscursivas inerentes à prática linguageira, para chegar a atual concepção de Representação do Discurso Outro (RDO).

O capítulo é dividido em duas seções. Na primeira seção, a metalinguagem é posicionada no centro das práticas linguísticas humanas. Segundo a autora, com base em Benveniste (1974), a linguagem humana dispõe de um sistema de signos capaz de categorizar e interpretar a si mesma de acordo com suas distinções semióticas. Sendo possível, a construção de uma mensagem

a partir de uma outra, constituindo-se como um terreno fértil para a RDO, diferentemente, da comunicação animal, como, de modo interessante e esclarecedor, Authier-Revuz ilustra,

[...] a abelha não constrói uma mensagem a partir de uma outra mensagem [...] A remissão de um sinal recebido (planta X, direção Y, distância Z), referindo-se a um “dado objetivo”, nunca tomará a forma de “A colega abelha acaba de me informar que P; de acordo com ela, P”, o que escalonaria os dois planos de referências, para o mundo e para a mensagem sobre o mundo (p. 135).

Em outras palavras, a linguagem humana goza de um aparato de características, chamado pela autora de “continente metadiscursivo”, que pode ser abordado sob vários ângulos: a) operações especificamente linguísticas, como traduzir, parafrasear, definir o sentido de uma palavra e, etc; b) práticas e gêneros discursivos importantes para a dimensão metadiscursiva, tais como boatos, artigos de divulgação científica; aulas de línguas maternas e, etc e; c) contextos situacionais que demandam metadiscursividade, como por exemplo, o processo de aquisição da linguagem.

Nessa perspectiva, a língua se constitui pela heterogeneidade e reflexividade das vozes que a atravessam. O discurso, por sua vez, é sempre discurso sobre um discurso, seja o que está se fazendo, seja o de um outro. É a partir dessas concepções, que a autora, na seção mais longa do capítulo, delimita três zonas de referência para o metadiscurso:

- Zona A: abrange enunciados que se referem sobre a linguagem e a(s) língua(s). Exemplo: “Desejar” rege uma subordinada no subjuntivo;
- Zona B: abarca enunciados do discurso em andamento e que são o objeto de análise da Autorrepresentação do Dizer (ARD). Exemplo: “Estou lhe dizendo que ele será eleito”;
- Zona C: inclui os enunciados que se referem ao discurso do outro e que são o objeto de análise da RDO. Exemplo: “Eu lhe escrevi para felicitá-lo, mas ele não me respondeu”.

Authier-Revuz reafirma a relação da RDO com a zona C, mas enfatiza que a RDO não coincide com ela. Isso porque determinados enunciados da zona C não se enquadram na RDO, pois não cumprem a condição de “representação de um conteúdo”, como exemplifica o enunciado apresentado: “Ela não parou de falar durante toda a viagem”. E também porque, “o pertencimento da RDO à zona C não é exclusivo: a zona B, que representa o discurso em andamento, comporta um setor em que, na sua relação com o discurso outro, o dizer se autorrepresenta” (p. 142-143) e, portanto, vincula-se a ARD.

Na sequência, em busca de delimitar o objeto da RDO, a autora busca fazer diferenciações entre língua e discurso. Primeiramente quanto a representação, nesse sentido, a língua refere-se a signos, categorias, regras, ao lado de elementos abstratos, fixos, pertencentes a um sistema finito, reproduzíveis de forma idêntica, como ilustra o exemplo da Zona A: “Desejar” rege uma subordinada no subjuntivo.

O discurso, por sua vez, está vinculado a fala e refere-se a eventos concretos, singulares, impossíveis de serem reproduzidos, como por exemplo, o enunciado: “Está chovendo!!”, em determinada situação. Authier-Revuz explica que essa representação, caracterizada como discurso, é incompleta, aleatória a cada vez, no que concerne ao sentido que produz.

Entretanto, a diferenciação pode ser mais complexa, em determinados usos linguísticos: descrições intralinguísticas; referência a fatos singulares do discurso (como citação de autores) e; formulações espontâneas, língua e discurso se articulam um ao outro e, portanto, assemelham-se a RDO. Além desses usos, questões de ambiguidade entre língua e discurso podem ocorrer, o que, segundo, a autora pode ser resolvido a partir de elementos contextuais

Após as diferenciações entre língua e discurso, fica claro que a RDO, conceito foco do capítulo, e a ARD concentram-se nas Zonas B e C e, conseqüentemente, têm como objeto de análise o discurso. O próximo passo da autora é a diferenciação entre as duas representações do discurso, a RDO e a ARD. Para isso, Authier-Revuz apresenta um complexo diagrama com variáveis (A, L, R, T, Loc...; a, l, r, t, loc...)<sup>1</sup>que respectivamente remetem ao ato de enunciação, ao locutor-enunciador, ao receptor-coenunciador, ao tempo e ao lugar. Apesar do capítulo fazer referência a uma lista de abreviaturas e convenções, que facilitariam o entendimento do diagrama, essa lista não consta, possivelmente esta listagem esteja disponível na obra completa de Authier-Revuz (2020). O digrama também mescla trechos em língua portuguesa e na língua em que foi originalmente escrito, o francês. Essas questões dificultam a compreensão do diagrama e, conseqüentemente, das minúcias da proposta da autora.

Se detendo às Zonas B e C, para delimitar o espaço da RDO, a autora difere o discurso outro (RDO) da autorrepresentação do discurso (ARD). No que se refere às variações temporais e pessoais, a ARD demanda coincidência referencial do conjunto de parâmetros da coenunciação (A=a; L=l; R=r; T=t; Loc=loc), pois a diferença de um único elemento inscreve o enunciado na RDO. Sendo assim, quando não há coincidência entre os parâmetros, o enunciado vincula-se a RDO e envolve o que a autora chama de “realidade conferida”, isto é, enunciados que representam dizeres virtuais, imaginários, hipotéticos, negado, como por exemplo “eu nunca disse...”, “ah, se ele pudesse ter dito...”, “será que você podia dizer-lhe...?”.

Contudo, Authier-Revuz revela que determinados usos linguísticos articulam ambas as representações do discurso, a ARD e a RDO, como é o caso da cumulação e da sucessão. A cumulação é o emprego de dois itens lexicais que explicitam o já dito, como exemplifica a autora “Eu te repito pela enésima vez que ele disse que não queria ser pago”. A sucessão, por sua vez, remete à uma única afirmação duplicada, por exemplo, na RDO “Eu (já) disse” e na ARD “eu digo (mais uma vez)”.

Assim como a fronteira língua/discurso, entre a ARD e a RDO há uma linha de fronteira complexa, a partir da qual “se originam casos de ambiguidade, mais interessantes quanto às questões semântico-enunciativas das relações, no dizer, entre o mesmo e o outro, bem como casos de indeterminação e de articulação” (AUTHIER-REVUZ, 2020, p. 159), os quais Authier-Revuz explora com exemplos no capítulo.

1 A diferenciação entre as letras maiúsculas e minúsculas, pode ser entendido, como explica Pinheiro (2020, p. 2) “Authier-Revuz define a RDO como um ato de enunciação que tem como referência um outro ato de enunciação. A autora representa esses dois atos diferentes com a letra “A” maiúscula, para o ato de enunciação principal, e “a” minúsculo, para o ato de enunciação representado”.

A autora apresenta também usos linguísticos em que o discurso outro (RDO) intervém na autorrepresentação (ARD) de um dizer, exemplificando com os excertos “... eu digo isso com base no que me disseram” ou “eu direi, com base nos trabalhos de...”. Estas formas podem evidenciar um uso cotidiano da linguagem, como é o caso do primeiro excerto, mas também um uso mais rebuscado e característico dos gêneros acadêmicos, como ilustra o segundo excerto.

Ainda no contexto em que a RDO intervém na autorrepresentação, Authier-Revuz aborda, a partir de dois esquemas, a modalização metaenunciativa e revela que a relação entre a metaenunciação e a modalização do dizer “com ou sem autorrepresentação explícita do dizer serão reagrupados dentro da RDO como “Modalização por discurso outro<sup>2</sup>”” (AUTHIER-REVUZ, 2020, p. 170).

De modo geral, O texto *A representação do discurso outro: um setor da atividade metalinguageira*, de Authier-Revuz, traz uma interessante discussão acerca de conceitos como linguagem humana/ linguagem animal, língua/discurso para chegar no espaço investigativo da ARD e, mais especificamente, da RDO. Apesar da abordagem densa, a tradução do capítulo resenhada, permite o acesso à teoria de Authier-Revuz, sendo valioso para pesquisadores da linguagem interessados no assunto.

## Referências

AUTHIER-REVUZ, J. **La Représentation du Discours Autre**. De Gruyter: Berlin/Boston, 2020.

AUTHIER-REVUZ, J. **A representação do discurso outro: um setor da atividade metalinguageira**.

In: Cavalcante, M. M.; Brito, M. A. P. (Orgs.). *Texto, discurso e argumentação*. p. 133-174, 2020. Campinas, SP: Pontes Editores.

PINHEIRO, C. E. S. **A representação do discurso outro: um setor da atividade metalinguageira**.

*Resenha Abralin ao Vivo*, v. 19, n. 2, 2020.

<sup>2</sup> Esse tópico é explorado no capítulo 3, do livro da autora “*La Représentatio du Discours Autre*” (Editora De Gruyter, 2020)

